

Translêsbichas, leiam isto:

Odio os hêteros (1990)¹

Queers Anônimas

Como eu posso te dizer. Como posso convencer você, irmão/irmã que sua vida está em perigo: que todos os dias que você acorda viva, relativamente feliz e funcionando como ser humane², você está cometendo um ato de rebeldia. Você, como dissidente sexual³ viva e útil é uma revolucionária. Não há nada neste planeta que valide, proteja ou incentive sua existência. É um milagre que você esteja, aqui lendo estas palavras. Você deveria estar morta, sem dúvida alguma.

Não se deixe enganar, o mundo pertence aos hêteros e a única razão pela qual você foi poupada é por ser esperta, sortuda ou batalhadora ou assimilada. Os hêteros têm um privilégio que lhes permite fazer o que quiserem e trepar sem medo, mas não apenas vivem uma vida livre do medo; esfregam sua liberdade

1 [Nota da tradutora - N.T.] A cartilha "Queers Read This: I Hate Straights", assinada por Anonymous Queers, foi distribuída durante a manifestação do Dia do Orgulho Gay de Nova York, em junho de 1990. Foi reimpressa em Gross y Woods (1999, pp. 588 - 594) A palavra queer foi possivelmente inserida na língua inglesa por volta de 1500, com o sentido de "estranho, peculiar, excêntrico", derivada do alemão *quer*, "transversal" e usada para estigmatizar a população lgbt no mundo anglosaxão,

2 [N.T.] Atentando ao sexismo presente na língua portuguesa, palavras que variam com o gênero estão sendo finalizadas pela partícula 'e' admitindo a abolição do gênero.

3 *Queers* no original, traduzido por dissidentes sexuais. Este é um termo desenvolvido por ativistas e acadêmiques para nomear e reivindicar identidades, práticas culturais e agitações políticas não alinhadas com as normas e tecnologias socialmente impostas pela heterossexualidade, entendida, a partir de Adriene Rich e Monique Wittig como regime político. A ideia de dissidência sexual reverbera numa resistência constante ao sistema sexual, sua hegemonia econômica e sua lógica colonial.

na nossa cara. Suas imagens estão em nossas televisões, na revista que compro, no restaurante onde quero comer, e na rua onde eu moro. Eu quero que haja uma moratória sobre o casamento hétero: os bebês, as demonstrações públicas de afeto entre pessoas de sexos opostos e as imagens nos meios de comunicação que promovem a heterossexualidade. Até que eu possa desfrutar da mesma liberdade sexual e de movimento que os héteros, seus privilégios devem ser interrompidos e conferidos a mim e a minhas irmãs e irmãos *translésbichas*⁴.

Pessoas heterossexuais não vão fazer isso voluntariamente e por isso devem ser forçados a isso. Os héteros devem ficar assustados. Devem ficar aterrorizados. O medo é o motor mais poderoso. Ninguém vai nos dar o que nós merecemos. Os direitos nunca são dados, são tomados, pela força se necessário.

É mais fácil lutar quando se sabe quem é seu inimigo. Pessoas heterossexuais são seus inimigos. São os seus inimigos ao não reconhecer a sua invisibilidade e ao continuar vivendo e contribuindo para uma cultura que mata você.

Todos os dias uma de nós é capturada pelo inimigo. Seja morrendo por AIDS devido à inercia homofóbica do governo, seja levando uma surra corretiva numa loja de conveniência (em um suposto bairro lésbico). Somos o alvo sistemático e

4 [N.T.] Aqui Brasil, o termo queer não encontra tradução exata e passa por uma revisão crítica devido ao problema da colonialidade no que diz respeito à geopolítica do conhecimento em escala global. Ao criticar a dimensão colonial na América Latina, Hija de Perra, Leonor Silvestri, Jota Mombaça, Larissa Prelúcio e Pedro Paulo Gomes Pereira denunciam a fetichização e capitalização dos estudos queer permitindo que façamos uma metáfora de sua emergência com a chegada das caravelas portuguesas, é a Caravela Queer. Agitações políticas sexodissidentes de perspectiva anticapitalistas tem usado os termos monstras, bizarras, translésbichas, entre outros para nomear suas experiências.

continuaremos sendo aniquilados a menos que assumamos a postura de que o ataque a uma de nós está dirigido a todas.

UM EXÉRCITO DE AMANTES NÃO PODE PERDER

Ser dissidente sexual e de gênero não tem a ver com o direito à privacidade; tem a ver com a liberdade de ser em público, de ser, simplesmente, quem somos. Isso significa lutar contra a opressão diariamente: a homofobia, a transfobia, o racismo, a misoginia, o fanatismo de hipócritas religiosos e nosso próprio auto-ódio (nos ensinaram cuidadosamente como odiar e rechaçar a nós mesmas). E agora, é claro, que isso significa também lutar contra um vírus, e todos aqueles homofóbicos que se utilizam da AIDS para nos limpar da face da terra.

Ser sexodissidente significa levar um tipo de vida diferente. Não tem a ver com o discurso hegemônico, margens de lucro, patriotismo, patriarcado ou com ser assimilada. Não tem a ver com quem é diretor executivo, privilégios e o elitismo⁵. É sobre estar à margem, definindo a nós mesmas; trata-se de *genderfuck*⁶ e seus segredos, o que está abaixo da cintura e no fundo do coração; é sobre a noite. Ser sexodissidente significa liberdade, porque sabemos que cada uma de nós, cada corpo, cada buceta, cada coração, cada cu e pau é um mundo de

5 [N.T.] O manifesto faz referência às disputas em torno de cargos executivos de prestígio em associações que lutam contra a AIDS e pelos direitos civis, que aconteceram durante os anos da publicação nos Estados Unidos, sobre as quais também tratava Larry Kramer.

6 [N.T.] *Genderfuck* é uma prática que, de modo consciente, brinca com os conceitos tradicionais de gênero e de identidade para questioná-los abertamente, demonstrando sua artificialidade com o fim de romper com o binarismo das identidades de gênero. Determinadas atuações de drag king ou drag queen são exemplos claros desta prática. O termo foi utilizado pela primeira vez em 1979, em um artigo de Christopher Lonn publicado no jornal impresso *Gay Sunshine*.

prazer esperando para ser explorado. Cada uma de nós é um mundo de infinitas possibilidades.

Nós somos um exército, porque temos de ser. Nós somos um exército, porque somos muito poderosos: temos ainda muito pelo que lutar, somos a mais preciosa das espécies ameaçadas de extinção. E nós somos um exército de amantes, porque nós sabemos o que é amor, e também o desejo e a luxúria. Nós os inventamos. Nós saímos do armário, enfrentamos a rejeição da sociedade e pelotões de fuzilamento só para amar umas às outras! Cada vez que trepamos, nós vencemos!

Temos de lutar por nós mesmas (ninguém mais vai fazer isso), e se nesse processo nós conseguirmos trazer mais liberdade para o mundo como um todo, então ótimo. Já demos muito para esse mundo: democracia, todas as artes, os conceitos do amor, da filosofia e da alma, para citar apenas alguns presentes das nossas ancestrais bichas e rachas gregas. Vamos transformar todos os lugares em espaços de trans, gays e lésbicas. Cada rua em uma parte da nossa geografia sexual. Uma cidade de desejo e, em seguida, de satisfação total. Uma cidade e um país onde podemos estar seguras e livres e muito mais. Devemos olhar para nossas vidas e ver o que é melhor nelas, ver o que é homo e o que é hétero e jogar todo o lixo-hétero fora! Lembre-se que temos pouco, pouquíssimo tempo. E eu quero ser amante de todas e cada uma de vocês. No próximo ano, nós marcharemos todas nuas!

RAIVA

"As irmãs fortes disseram aos irmãos que havia duas coisas importantes a se lembrar sobre as próximas revoluções, a primeira é que vamos ter nossos traseiros chutados. A segunda, é que vamos vencer."

Estou com raiva. Eu estou com raiva por ter sido condenada à morte por estranhos, dizendo: "*Você merece morrer*" e "*AIDS é a cura*". A fúria explode quando uma mulher republicana vestindo milhares de dólares em roupas e joias vai rebolando até a polícia, balançando a cabeça, rindo e apontando o dedo para nós, como se fossemos filhos malcriados fazendo exigências absurdas e jogando birra quando temos nossos desejos realizados. Com muita raiva enquanto Joseph agoniza e gasta mais de 8 mil dólares para que o AZT possa mantê-lo vivo um pouco mais e fazê-lo parecer mais doente do que a própria doença com a qual foi diagnosticado. Irritado quando ouço um homem me dizer que depois de mudar seu testamento cinco vezes, estão se esgotando as pessoas para quem deixar suas coisas. Todos os seus melhores amigos estão mortos. Com raiva quando estou em um mar de "mantas comemorativas"⁷ ou quando vou para uma marcha com velas ou assistir a mais um funeral. Eu não vou marchar em silêncio com a porra de uma vela e eu quero tomar essa merda dessa manta, me envolver com ela e furiosamente rasgá-la, arrancar o meu cabelo e amaldiçoar todos os deuses de qualquer religião já criada. Eu

⁷ Uma das primeiras e mais difundidas mobilizações para aumentar a conscientização sobre o problema da AIDS e reivindicar a necessidade de soluções foram os projetos de elaboração de mantas comemorativas, também conhecidas como "projeto dos nomes", que consiste em bordar cobertores e tapetes com os nomes dos falecidos por essa doença e mostrá-los nas ações comemorativas.

me recuso a aceitar uma criação que acaba com a vida das pessoas quando ainda tem vinte e poucos anos.

É cruel, vil e absurdo, e tudo o que eu tenho em mim se alinha contra este absurdo. Eu levanto meu rosto para as nuvens, uma risada áspera que soa mais demoníaca do que alegre sai de minha garganta e as lágrimas escorrem pelo meu rosto. Se enfrentar esta doença e não me matar, eu simplesmente morrerei de frustração. Meus pés deslizam lentamente pelas ruas, as mãos de Pedro estão acorrentadas à recepção de uma empresa farmacêutica, enquanto isso a recepcionista olha com horror e o corpo de Eric apodrece em um cemitério no Brooklyn. Eu nunca mais vou ouvir sua flauta retumbante nas paredes da casa onde nos reuníamos. Eu vejo os idosos no Tompkins Square Park amontoados em seus longos casacos de lã em pleno mês de junho, para se protegerem do frio que ainda percebem ali e agarrarem-se ao pouco que a vida ainda tem a lhes oferecer e penso, ah, eles me entendem. Lembro-me das pessoas que se despem e se contemplam diante de um espelho todas as noites antes de ir para a cama, buscando em seus corpos qualquer marca que não estivesse ali no dia anterior. Uma marca de que este flagelo os visitou.

E eu estou com raiva quando os jornais nos chamam de "vítimas" e alarmes que "isso" pode em breve se espalhar para a "população geral". E eu quero gritar "Quem diabos sou eu?" E eu quero gritar para o New York Hospital com o seus sacos de plástico amarelo marcados "roupa de isolamento/ropa infecciosa"⁸ e seus enfermeiros com luvas de látex e máscaras cirúrgicas que se aproximando da cama como se seu ocupante

8 [N.T.] Em espanhol, no texto original

fosse de repente saltar para fora e ensopá-los com sangue e sêmen lhes transmitindo também a peste.

E eu estou com raiva dos héteros que ficam sentados, envolvidos presunçosamente em sua capa autoprotetora de monogamia e heterossexualidade, confiante de que esta doença não tem nada a ver com eles, porque "isso" só acontece com "elas". E com adolescentes que ao verem meu broche de Silêncio = Morte⁹ começam a gritar: "Que morram as bichas" e eu me pergunto, que lhes ensinou isso? Envolve em fúria e medo, eu permaneço em silêncio enquanto o meu broche zomba de mim a cada passo do caminho. E a raiva que eu sinto quando um programa de televisão sobre a "manta dos nomes" dá perfis de pessoas mortas e a lista começa com um bebê, uma adolescente que recebeu uma transfusão de sangue, um ministro batista (sic) e sua esposa, e quando eles finalmente mostram um homem gay, ele é descrito como alguém que sabidamente infectou milhões de adolescentes com o vírus. O que mais se pode esperar de um viado?

Estou com muita raiva.

ARTISTAS BICHAS

Desde o início dos tempos, o mundo se inspira no trabalho de artistas queers. Em troca, têm havido sofrimento, tem havido dor, tem havido violência. Ao longo da história, a sociedade tem feito um acordo com as bichas: elas podem seguir carreiras criativas, se o fizerem discretamente. Em todas as artes as

9 [N.T.] "Silence = Death" é um dos primeiros lemas usados na luta contra a AIDS. Acompanhado de um triângulo rosa - que evocava o extermínio dos gays nos campos de concentração nazistas -, o lema começou a ser difundido em 1987 na cidade de Nova York. A iniciativa se constituiu como um projeto ativo pioneiro na denúncia e na luta contra a AIDS, antes que se iniciasse o ACT UP.

bichas são produtivas, lucrativas, divertidas e até inspirações. Estes são os produtos, bem definidos e úteis do que de outra maneira são considerados comportamentos antissociais. Em círculos culturais as bichas podem tranquilamente coexistir com uma elite poderosa que, em outras circunstâncias, as desaprovava.

À frente da campanha mais recente para atacar às artistas bichas está Jesse Helms¹⁰, árbitro de tudo o que é decente, moral, cristão e americano (sic). Para Helms, a “arte bicha” é pura e simplesmente uma ameaça para o mundo. Em sua imaginação, a cultura heterossexual é demasiado frágil para suportar a admissão da diversidade humana ou sexual. Muito simplesmente, a estrutura de poder do mundo judaico-cristão tem feito da procriação sua pedra angular. Famílias com crianças garantem consumidores para os produtos do país e uma força de trabalho para produzi-los, bem como um sistema familiar de cuidado com seus doentes, reduzindo as despesas dos sistemas públicos de saúde.

TODO COMPORTAMENTO NÃO-PROCRIATIVO É CONSIDERADO UMA AMEAÇA, da homossexualidade ao controle de natalidade. Não é o bastante, de acordo com a direita religiosa, dar publicidade constantemente à procriação e à heterossexualidade... Também é necessário destruir qualquer alternativa. Não é atrás da arte que Helms está... **SÃO NOSSAS VIDAS!** A arte é o último lugar seguro para lésbicas e gays

10 [N.T.] Jesse Helms foi um senador republicano da Carolina do Norte entre 1973 e 2003. Durante seu mandato foi conhecido por sua oposição ao financiamento das pesquisas sobre a AIDS e os tratamentos médicos contra a doença, assim como por suas declarações homofóbicas. O texto se refere concretamente à tentativa de Helms de retirar o financiamento ao National Endowment for the Arts para financiar uma exposição, entre outras, do fotógrafo gay Robert Mapplethorpe.

crescerem. Helms sabe disso, e desenvolveu um programa para purgar das bichas o único espaço público no qual nos é permitido contribuir com nossa cultura compartilhada.

Helms está defendendo um mundo livre da diversidade ou dissidência. É fácil imaginar por quê aqueles que são responsáveis por um mundo tal poderiam se sentir incomodados. Também é fácil imaginar a paisagem amerikana devastada por esse poder. Helms deveria refletir sobre o que está insinuando: a arte patrocinada pelo Estado, a arte do totalitarismo, a arte que só fala dentro dos termos cristãos, a arte que apoia os objetivos daqueles que estão no poder, a arte que combina com os sofás do Oval Office¹¹. Pergunte ao Jesse o que ele quer, para que mulheres e homens com consciência possam se mobilizar contra isso, como fizemos contra as violações dos direitos humanos em outros países, e para libertar dissidentes do nosso próprio país.

SE VOCÊ É BICHA,

Nós bichas estamos sob o cerco.

Nós bichas estamos sendo atacadas em todas as frentes e temo que isso não nos preocupe.

Em 1969, fomos atacadas. E isso não agradou a ninguém. Então contra-atacamos, tomamos as ruas, **GRITAMOS**. Só no mês de maio de 1990, houveram 50 ataques à bichas. Ataques violentos. 3.720 homens, mulheres e crianças morreram de AIDS no mesmo mês, causada por um mais ataque mais violento: a inercia do governo, embasada na crescente homofobia. Esta é a

11 [N.T.] O “Salão Oval” é o gabinete e local de trabalho do Presidente dos Estados Unidos, localizado na Casa Branca.

violência institucionalizada, talvez a mais perigosa para a existência de bichas porque os agressores não têm rostos. Nós permitimos que esses ataques por nossa própria falta de ação contra eles. A AIDS tem afetado o mundo hétero e agora eles estão nos culpando por ela e usando-a como uma forma de justificar sua violência contra nós. Eles não nos querem mais. Eles vão nos espancar, estuprar e nos matar ao invés de continuar a viver conosco. Quanto mais vai demorar para que continuemos sem nos preocupar? Senti alguma raiva. Se raiva lhe dá força, tente com o medo. Se isso não funcionar, tente o pânico.

GRITE ISTO!

Seja orgulhosa. Faça o que você precisa fazer para livrar-se do seu estado habitual de resignação. Seja livre. Grite.

Em 1969, as bichas revidaram. Em 1990, as bichas dizem ok. No ano que vem, estaremos aqui?

EU ODEIO...

Eu odeio Jesse Helms. Eu odeio Jesse Helms tanto que me alegraria se ele caísse morto. Se alguém o matasse me pareceria que ele procurou por isso.

Eu odeio Ronald Reagan, também, porque ele assassinou gente como eu por oito anos. Mas, para ser sincero, eu odeio ele mais por elogiar Ryan White sem antes admitir sua culpa, sem implorar perdão pela morte de Ryan e para as mortes de

dezenas de milhares de outros doentes com AIDS, a maioria delas bichas¹².

Eu o odeio por converter nossa dor em uma farsa.

Eu odeio a porra do Papa, e eu odeio o puto do John Cardinal O'Connor, e eu odeio toda a porra da Igreja Católica. O mesmo vale para as forças armadas, e especialmente os oficiais da Amerika's Law Enforcement - os policiais - uns sádicos sancionados pelo Estado que brutalizam travestis de rua, prostitutas, bichas e sapatões presas. Eu também odeio o sistema médico e de saúde mental, principalmente o psiquiatra que me convenceu a não ter relações sexuais com homens por três anos, até que nós (na verdade, ele) pudesse me fazer ser um bissexual em vez de bicha. Eu também odeio os profissionais da educação por sua responsabilidade na condução de milhares de adolescentes bichas ao suicídio todo ano. Eu odeio o mundo "respeitável" da arte; e a indústria do entretenimento, e os grandes meios de comunicação, especialmente o *New York Times*. Na verdade, eu odeio todos os setores da classe heterossexual dominante deste país, os piores deles querem ver

12 [N.T.] Ryan White foi um dos referenciais na luta contra a AIDS nos Estados Unidos durante a década de 1980. White foi um adolescente hemofílico que se contagiou com AIDS ao receber uma transfusão de sangue contaminada, já que as impressões sobre a doença nesta época estava fortemente marcada pelos preconceitos homofóbicos, White foi vítima de manifestações de pais quando, descoberta sua doença, quis voltar à escola. Esse fato chamou a atenção dos meios de comunicação e lhe deu uma enorme popularidade, que o jovem utilizou para exigir incansavelmente mais investimento na luta contra a AIDS e para conscientizar a sociedade sobre a doença. As aparições de White ajudaram a mudar a imagem da doença, entre outras razões porque insistiu em apagar as diferenças entre as vítimas homossexuais e heterossexuais, em um momento em que essa diferenciação era muito aceita socialmente. No mesmo ano de sua morte, em 1990, o Congresso estadunidense aprovou a lei Ryan White Care, um programa federal, ainda hoje vigente, que proporciona financiamento, assistência e cobertura sanitária às portadoras do vírus HIV.

efetivamente todas as bichas mortas, e os melhores dos quais nunca vão mover um dedo para nos manter com vida.

Eu odeio pessoas heterossexuais que pensam que têm alguma coisa interessante a dizer sobre "sair do armário". Eu odeio pessoas heterossexuais que acreditam que suas histórias são "universais", mas as nossas só tem a ver com a homossexualidade. Odeio artistas héteros que ganham dinheiro a custa das bichas e, em seguida, nos atacam, mas se doem quando nos irritamos e logo negam qualquer dano causado a nós, ao invés de se desculparem. Odeio as pessoas heterossexuais que dizem: "Eu não vejo por que você sente a necessidade de usar os broches e camisas. Eu não saio por aí dizendo a todo mundo que sou hétero".

Eu odeio constatar que em doze anos de educação pública nunca me tenham falado sobre bichas. Odeio o fato de que eu cresci pensando que era a única bicha do mundo e odeio ainda mais o fato de que a maioria das crianças bichas continuam crescendo da mesma maneira. Eu odeio ter sido atormentada por outras crianças por ser uma bichinha, mas odeio mais ainda ter sido ensinada a sentir vergonha por ser o objeto da crueldade delas, ter sido ensinada a sentir que a culpa era minha. Eu odeio que a Suprema Corte aprove minha criminalização pela forma como faço amor. Odeio que tanta gente hétero se preocupe com minha maldita vida sexual. Odeio que tantos héteros transtornados se tornem pais, enquanto eu tenho que lutar com unhas e dentes para que isso me seja permitido. Odeio os héteros.

ONDE ESTÃO VOCÊS, IRMÃS?

A invisibilidade é nossa responsabilidade.

Eu uso o meu triângulo rosa em toda parte. Eu não abaixo a minha voz em público quando falo de amor ou sexo lésbico. Eu sempre digo às pessoas que eu sou lésbica. Eu não espero que me perguntem sobre meu “namorado”. Eu não digo que “isso não é da sua conta”.

Eu não faço isso pelos héteros. A maioria deles não sabe sequer o que significa o triângulo rosa. Para a maioria deles, pouco lhes importa que a minha namorada e eu estejamos totalmente em apaixonadas ou estamos tendo uma discussão na rua. A maioria deles sequer nos nota, não importa o que façamos. Eu faço o que eu faço para alcançar outras lésbicas. Eu faço o que eu faço porque eu não quero que lésbicas suponham que sou menina hétero. Estou fora do armário sempre, em todos os lugares, porque **QUERO ALCANÇAR VOCÊ**. Talvez você vai me notar, talvez nós vamos começar a falar, talvez nós troquemos número de telefone, talvez nós nos tornemos amigas. Talvez nós não vamos trocar nenhuma palavra, mas nossos olhos vão se cruzar e eu vou te imaginar nua, suando, com os lábios entreabertos, com suas costas arqueadas como se estivesse trepando. E seremos felizes por saber que não somos as únicas no mundo. Seremos felizes porque nos encontramos, sem dizer uma única palavra, talvez apenas por um momento.

Mas não.

Você não vai usar um triângulo rosa na lapela de linho. Você não vai me olhar nos olhos se eu flertar com você na rua. Você me evita no trabalho porque eu sou "muito" assumida. Você me castiga nos bares, porque eu sou "política demais". Você me

ignora em público porque eu chamo “muita atenção” para a “minha” lesbianidade. Mas logo você quer que eu seja sua amante, você quer que eu seja sua amiga, você quer que eu te ame, apoie e que lute por “NOSSO” direito de existir.

ONDE ESTÃO VOCÊS?

Vocês falam, falam, falam sobre a invisibilidade e depois se retiram para suas casas para se refugiarem com suas amantes, ou correm para uma farra em um bar com as colegas e retornam para casa aos tropeços em um táxi, ou sentam-se silenciosamente e educadamente enquanto a sua família, seu chefe, seus vizinhos, os seus funcionários públicos falam mal de nós e nos desfiguram, nos ridicularizam e nos punem. Em seguida, em casa novamente, vocês os sentem como se estivessem gritando, mas logo vocês amansam sua raiva com um relacionamento, ou uma carreira, ou uma festa com outras rachas como vocês e ainda se perguntam por que não nos encontramos, por que vocês se sentem solitárias, irritadas e alienadas.

LEVANTEM-SE, ACORDEM IRMÃS!

Sua vidas estão em suas mãos.

Quando eu arrisco tudo para estar fora do armário, eu me arrisco por todas nós. Quando eu arrisco tudo e funciona (o que aconteceria com mais frequência, se vocês tentassem), eu me benefico e vocês também. Quando isso não dá certo, eu sofro e vocês não.

Mas, irmã, você não pode esperar que outras rachas tornem o mundo um lugar seguro para você. **PARE** de esperar por um futuro lésbico melhor! A revolução poderia estar aqui se a iniciássemos.

Onde estão vocês, irmãs? Eu estou tentando encontrar vocês, eu estou tentando encontrá-las. Como é que eu só vejo você no Dia do Orgulho Gay?

Estamos **FORA DO ARMÁRIO**. Onde diabos está **VOCÊ**?

QUANDO ALGUÉM TE ATAÇA POR SER SEXODISSIDENTE, É UM ATAQUE HOMOFÓBICO OU TRANSFÓBICO. CERTO?

Um grupo de cinquenta pessoas sai de um bar gay quando ele fecha. Do outro lado da rua, alguns rapazes héteros estão gritando "viados" e jogando garrafas de cerveja no grupo, que os supera numericamente por 10 para 1. Três bichas se preparam para responder, sem receber qualquer apoio do grupo. Por que um grupo desse tamanho se permite ser um alvo fácil?

Tompkins Square Park, no Dia do Trabalho. Em um show de drags ao ar livre, que acontece anualmente, um grupo de homens gays foi perseguido por adolescentes armados de bastões. No meio de milhares de gays e lésbicas, estes meninos héteros bateram nos dois homens gays até derrubarem eles no chão, depois continuaram por ali, rindo triunfantemente entre eles. O coordenador do ato foi avisado e advertiu a multidão do palco: "Vocês, meninas, tenha cuidado. Quando se montam, os meninos enlouquecem", como se fosse uma brincadeira inspirada pela roupa que vestiam as vítimas ao invés de um

ataque dirigido contra todas e cada uma das pessoas presentes naquele evento.

O que teria custado àquela multidão se levantar contra seus agressores?

Depois que James Zappalorti, um homem abertamente gay, foi assassinado a sangue frio em Staten Island neste inverno, somente foi organizada uma manifestação em protesto. Apenas cerca de cem pessoas marcaram presença. Quando Yuseuf Hawkins, um jovem negro, foi morto em Bensonhurst a tiros por estar em “território branco”, os negros marcharam pelo bairro em grande número por várias vezes. Uma pessoa negra foi morta **PORQUE ELA ERA NEGRA**, e pessoas negras de toda a cidade reconheceram isso e agiram em sua consequência. A bala que atingiu Hawkins foi direcionada a **QUALQUER** pessoa negra. Acreditam que a maioria das lésbicas e gays acredita que a faca que atravessou o coração de Zappalorti era direcionada somente a ele?

O mundo hétero nos tem convencido tanto de que nós somos indefesas e merecedoras de ser vítimas da violência contra nós, que nós bichas ficamos paralisadas quando enfrentamos uma ameaça. **FIQUEM INDIGNADAS!** Estes ataques não deve ser tolerados. **FAÇAM ALGUMA COISA.** Reconheçam que qualquer ato de agressão contra qualquer membro da nossa comunidade é um ataque contra todos os membros da comunidade. Quanto mais permitirmos que os homofóbicos inflijam violência, terror e medo em nossas vidas, mais frequente e ferozmente seremos o objeto de seu ódio. Seu corpo não pode ser um alvo fácil para a violência. Vale a pena proteger seu corpo. Você tem direito a

defendê-lo. Não importa o que te digam, sua condição deve ser defendida e respeitada. É melhor que você aprenda que a sua vida é imensamente valiosa, porque a menos que você comece a acreditar nisso, facilmente podem retirá-la de você. Se você sabe como imobilizar de forma suave e eficaz seu agressor, então, de qualquer maneira faça isso. Se você não tiver essas habilidades, então pense em arrancar a porra dos seus olhos, enfiar seu nariz de volta para seu cérebro, cortar sua garganta com uma garrafa quebrada, em qualquer coisa que possa fazer, o que for, para salvar sua vida!

POR QUE QUEER?

QUEER!

Ah, será que realmente temos que usar essa palavra? É um problema. Cada dissidente tem a sua própria opinião a respeito disso. Para alguns, significa algo estranho, excêntrico e de certo modo até misterioso. Tudo bem, nós gostamos. Mas algumas meninas e meninos não. Acham que são mais normais do que estranhas. E para outras remete as memórias terríveis de sofrimento adolescente. Queer. É forçosamente agriçoce e pitoresca na melhor das hipóteses: debilitante e dolorosa, na pior. Não poderíamos simplesmente usar "gay" em vez disso? É uma palavra muito mais brilhante e não é sinônimo de feliz? Quando vocês militantes vão crescer e acabar com a novidade de ser diferente?

Sim, claro, "gay" é ótimo. E tem o seu sentido. Mas quando um monte de gays e lésbicas acordam de manhã e sentem ódio e raiva, não estão "felizes". Então, nós escolhemos nos chamar de queers. Usar "queer" é uma maneira de lembrar-nos como nos

vê o resto do mundo. É uma maneira de dizer a nós mesmas que não temos que ser engenhosas e encantadoras para manter vidas discretas e marginais no mundo hétero. Usamos “queer” como gays que amam ser lésbicas e sapas e mulheres que amam ser bichas.

Queer, ao contrário de **GAY**, não é **MASCULINO**.

E quando é dito para chamar outras gays e lésbicas, é uma forma de sugerir que acabamos com filas e esquecemos (momentaneamente) nossas diferenças individuais porque estamos diante de um permanente inimigo comum. Sim, **QUEER** pode ser uma palavra áspera, mas é também uma arma sigilosa e irônica podemos roubar das mãos dos homofóbicos e utilizá-la contra eles.

CONTRA O CONTROLE SEXUAL (OU A POLÍCIA DO SEXO)

Qualquer um que diga que sair do armário não faz parte da revolução não está entendendo nada. Imagens sexuais positivas e o que elas manifestam salvam vidas, porque eles afirmam essas vidas faz possível que as pessoas tentem viver se amando e não se odiando. Da mesma forma que o famoso slogan “Negro é lindo” mudou muitas vidas, o “Leia meus lábios” afirmar a diversidade sexual frente ao ódio e à invisibilidade, como demonstrado por um recente estudo governamental que expõe que ao menos um terço de todos os suicídios de adolescentes são jovens bichas. Isso também é exemplificado pelo aumento da transmissão do HIV entre os menores de 21 anos.

Somos mais odiadas como dissidentes por conta da nossa sexualidade, ou seja, nosso contato físico com o mesmo sexo.

Nossa sexualidade e nossa expressão sexual são o que nos torna mais suscetíveis à violência física. A nossa diferença, a nossa alteridade, a nossa singularidade pode nos paralisar ou nos politizar. Felizmente, a maioria de nós não vai deixar que nos matem.

LUGARES DISSIDENTES

Por que diabos deixamos os heteros entrarem em boates gays? Quem dá a mínima se eles gostam de nós porque "realmente sabemos nos divertir"? **NÓS TEMOS QUE FAZER ISSO PARA NOS DESAFOGARMOS DO QUE NOS FAZEM SENTIR O TEMPO TODO!**

Eles se agarram onde bem quiserem e ocupam muito espaço na pista de dança fazendo danças ostensivas em casais. Eles usam sua heterossexualidade como uma placa de "proibida a entrada", ou como uma escritura de propriedade.

Por que diabos é que vamos tolerá-los quando eles invadem nosso espaço como se fosse seu direito? Por que deixá-los esfregar sua heterossexualidade - uma arma que o seu mundo impõe contra nós - nas nossas caras até nos poucos espaços públicos que podemos nos envolver com outras bichas e não temer ataque?

É hora de parar de deixar os héteros criarem todas as regras. Começemos pendurando estas regras em todos os bares e boates gays:

REGRAS DE CONDUTA PARA PESSOAS HETEROSSEXUAIS:

1. Mantenha a seu nível de demonstração pública de afeto (beijos, dar as mãos, se abraçarem) a um mínimo. Sua sexualidade é indesejada e ofensiva para muitas aqui.
2. Se você quiser dançar a dois devagar, seja o mais discreto possível.
3. Não seja abobalhado encarando lésbicas ou gays, especialmente sapatões caminhoneiras ou drag queens. Nós não somos sua diversão.
4. Se não for possível lidar confortavelmente com alguém do mesmo sexo que dá em cima de você, saia.
5. Não exiba a sua heterossexualidade. Seja discreto. Arrisque ser confundido com uma sapatão ou um viado.
6. Se você sentir que estas regras são injustas, vá lutar contra a homofobia em boates hétero, ou:
7. Ponha o dedo no seu cu e foda-se

ODEIO OS HÉTEROS

Eu tenho amigos. Alguns deles são héteros. Ano após ano, eu vejo os meus amigos heterossexuais. Eu quero vê-los, saber como estão, para adicionar algumas novidades às nossas histórias longas e complicadas, experimentar alguma continuidade. Ano após ano, eu continuo a perceber que os fatos da minha vida são irrelevantes para eles e que sou escutada apenas pela metade, que sou um apêndice dos feitos de um mundo maior um mundo de poder e privilégio, das leis de pertencimento, um mundo de exclusão. “Isso não é verdade”, argumentam meus amigos heterossexuais. Existe a uma certeza na política do poder: os que ficaram de fora imploram por

inclusão, enquanto os que estão dentro afirmam que já estão ali. Homens fazem isso com as mulheres, os brancos fazem isso com os negros e todos fazem isso com as bichas. A principal linha divisória, tanto consciente quanto inconsciente, é a procriação... E essa palavra mágica: Família. Frequentemente, aqueles de quem nascemos nos repudiam quando descobrem quem realmente somos e, para piorar a situação, nos é proibido ter nossa própria família. Somos castigadas, insultadas, isoladas e tratadas como insubordinadas em termos da criação de filhos ou filhas, ambos condenadas se tentarmos e amaldiçoadas se não o fizermos. É como se a propagação da espécie fosse uma diretiva tão frágil que, sem impô-la como se fosse uma obrigação, a humanidade iria derreter de volta ao barro primitivo.

Eu odeio ter que convencer os héteros de que nós, lésbicas e gays, vivemos em uma zona de guerra, que estamos cercadas por explosões de bombas que só nós parecemos ouvir, que amontoaram nossos corpos e almas, mortas de medo, esmagadas ou estupradas, morrendo de tristeza ou doença, despojadas de nossa condição de personalidade.

Eu odeio pessoas heterossexuais que não podem ouvir uma bicha raivosa sem dizer "ei, nem todas as pessoas heterossexuais são assim. Eu sou hétero também, você sabe", como se os seus egos não recebessem carícias ou proteção suficientes nesse mundo arrogante e heterossexista. Por que, no meio da nossa ira, causada por sua sociedade fodida, devemos nos preocupar com eles? Por que adicionar a frase tranquilizadora "claro, eu não me refiro a você. Você não age

dessa forma"? Deixemos descobrir por si próprios se eles merecem ser incluídos em nossa raiva.

Mas é claro que isso significaria a ouvir a nossa raiva, o que quase nunca fazem. Eles desviam disso, dizendo: "Eu sou não sou assim" ou "olhe quem está generalizando agora" ou "você pegaria mais moscas com mel ..." ou " Se você se concentrar na negatividade, vai esgotar sua energia" ou "você não a única no mundo que está sofrendo." Eles sempre dizem: "Não brigue comigo, eu estou do seu lado "ou "Eu acho que você está exagerando" ou "GAROTO, VOCÊ É UM AMARGO!"

Eles nos ensinaram que as boas bichas não se irritam. Eles nos ensinaram isso tão bem que não só escondemos nossa raiva deles, mas também a escondemos entre nós. **INCLUINDO A ESCONDEMOS DE NÓS MESMAS**. Nós a escondemos com o abuso de substâncias e suicídio, e buscando alcançar mais do que se espera de nós, na esperança de provar nosso valor. Eles nos batem, nos apunham, atiram em nós e nos bombardeiam cada vez mais e ainda enlouquecem quando bichas irritadas levam cartazes ou faixas que dizem "**DEVOLVEMOS O ATAQUE**". Durante a última década, eles nos deixaram morrer em massa e ainda agradecemos o presidente Bush pelo plantio de uma porra de uma árvore e o aplaudimos por comparar os pacientes com AIDS com as vítimas de acidentes de carro que se recusam a usar cinto de segurança. **DEIXE-SE FICAR COM RAIVA**. Deixe-se ficar com raiva pelo fato de que o preço da nossa visibilidade é a constante ameaça de violência, violência anti-bichas, para a qual contribuem praticamente todos os segmentos da sociedade. Permita-se sentir raiva porque **NÃO EXISTE NENHUM LUGAR NESTE PAÍS ONDE ESTEJAMOS**

SEGURAS, nenhum lugar onde que não somos alvo de ódio e ataque, do auto-ódio, do suicídio dentro do armário. A próxima vez que algum hétero perguntar porque você está com tanta raiva diga-lhe que, até que as coisas mudem, você não precisa de mais nenhuma evidência de que o mundo gira à sua custa. Você não precisa de ver em sua televisão apenas casais hétero fazendo compras no supermercado... Você não quer mais ser colocada diante de fotos de bebês até que você possa ter ou cuidar de seus próprios. Sem mais casamentos, festas ou aniversários, por favor, a menos que sejam nossos próprios irmãos e irmãs quem os celebre. E diga a ele que não lhe deslegitime dizendo: “você tem direitos”, “você tem privilégios”, “você está exagerando” ou “você fica se vitimizando”. Diga-lhe: “**AFASTE-SE DE MIM**, até que **VOCÊS** mudem”. Afaste-se e deixe-o tentar viver em um mundo sem as corajosas e fortes bichas que são sua espinha dorsal, suas entranhas e seus cérebros e almas. Diga-lhe que se afaste até que tenha passado um mês andando de mãos dadas com alguém do mesmo sexo. Quando tiver sobrevivido a isso, então você escutará o que tem a dizer sobre a ira das bichas.

Caso contrário, diga para calar-se e ouvir.